



# Lobisomem

O segredo da Lua

Oswaldo Andrade

# **Lobisomem**

**O segredo da Lua**

**2026**

**Oswaldo Andrade**

## CERTIFICADO DE REGISTRO DE DIREITO AUTORAL

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual descrita abaixo, encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei no 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil.

Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es).

Oswaldo Andrade  
Lobisomem - O segredo da Lua

ISBN:

Impresso no Brasil

Editado por autor.

Site: [ocsan.net/autor](http://ocsan.net/autor)

E-mail: [osvaldoandradeautor@gmail.com](mailto:osvaldoandradeautor@gmail.com)

# Índice

Introdução .....	05
Capítulo I .....	07
Capítulo II .....	13
Capítulo III .....	19
Capítulo IV .....	25
Capítulo V .....	29
Capítulo VI .....	33
Capítulo VII .....	39
Capítulo VIII .....	45
Capítulo IX .....	51
Capítulo X .....	57
Capítulo XI .....	63
Capítulo XII .....	69

Capítulo XIII .....	75
Capítulo XIV .....	81
Capítulo XV .....	87
Capítulo XVI .....	93
Capítulo XVII .....	101
Capítulo XVIII .....	105
Capítulo XIX .....	111

# Introdução

A figura mais conhecida pelo mundo afora como Lobisomem não é apenas uma lenda, mas uma sombra faminta à espreita. Não é um conto de fadas; é a iminência de um pesadelo, que sai da escuridão como um terror ancestral.

Ele é o homem amaldiçoado, a alma em desespero que carrega a semente da fera. A transformação... Ah, a transformação! Não é um truque, mas uma agonia grotesca desencadeada por um poder que mal ousamos nomear: uma maldição, um pacto demoníaco esquecido, ou — o mais aterrorizante de tudo — o beijo úmido e selvagem da boca do inferno.

Fixe seus olhos no céu. Se a lua rege as marés e a vida, o que não fará à alma atormentada de um homem? Ele sente o puxão, a dor lancinante do osso que estala e se remodela. A influência lunar não é suave; é um martelo que esmaga sua humanidade.

A criatura que emerge daí é um pesadelo encarnado: um híbrido medonho, onde a inteligência humana se afoga num mar de instinto selvagem. Seus músculos se tornam nós de aço, sua agilidade, letal. Restando apenas a besta, um motor de violência pura e sanguinária.

Esqueça as variações e os contos diferentes. A verdade nua e crua é sempre a mesma: a fera existe, e sua existência é a prova de um mal que desafia a razão. Em cada conto de terror, ele é o predador supremo, o caçador incansável com a garganta sedenta. Ele não faz distinção entre carne de caça e carne humana. Para ele, só há a fome.

E a única esperança? O rumor gelado de que apenas o metal puro e sagrado pode detê-lo. A prata. Uma bala, uma lâmina... o único meio de perfurar o monstro e, talvez, em um instante de dor suprema, forçar o homem a rastejar de volta à sua forma original, quebrado e sem lembranças do horror que cometeu.

Não pense que esta história é distante. Não a veja como um mito de um passado remoto. A lenda do Lobisomem é mais real, mais presente, do que você jamais ousaria imaginar.

Esta história pode estar mais próxima do que você imagina. Ela pode estar acontecendo neste mesmo momento.

Olhe para o lado! Um lobisomem poderá surgir de qualquer canto escuro.

# Capítulo I

O sol vinha surgindo no início da alameda, espiçando as sombras dos plátanos na calçada; quando um homem horrorizado desce a rua, jogando as pernas em alta velocidade.

Os passarinhos, que gritavam com a luz solar trazendo o dia, silenciaram todos. Talvez por coincidência ou o medo passava por ali.

A farmácia 24h viu o coitado atravessar correndo em desespero diante dela. O funcionário ainda estava varrendo a frente no instante da passagem.

Nada soube o que fazer! Apenas acompanhou, com um olhar de espanto, o desatino daquele coitado.

Parecia um pânico intenso desempenhado por uma situação bem específica, como a perseguição de um animal perigoso. Porém era algo muito mais tenebroso.

A rua toda emudeceu. E a única coisa ouvida eram os passos socados no chão como atropelo.

Ele seguia no rumo da padaria, onde estacou-se em frente, aos berros.

- Um lobisomem! Socorro!

A padaria do Manuel já estava de portas abertas. Era lá que muita gente ia, naquele horário, tomar café, antes de ir para o trabalho. Estava, hoje, mais cheia, porque ali próximo estavam fazendo a construção de um edifício. E os operários da obra lá se abasteciam.

O homem foi socorrido pela multidão que veio à porta. Ficaram todos aflitos com o fato.

A respiração do pobre estava acelerada, que provavelmente a frequência cardíaca ia explodir o corpo.

- Um copo de água! Alguém traga um copo de água para o homem.

Ele foi sentado ali mesmo, nem entrou. Abanavam o homem que não tinha mais fôlego. Tentava falar, mas nenhum som mais lhe saía pela boca.

Mais gente que passava para pegar o ônibus, juntou-se a eles. Todos queriam saber do acontecido.

O escolar que passava, também parou próximo da multidão como se um acidente tivesse acontecido na rua.

E um imenso grupo de pessoas se formou na frente da padaria.

Até um ciclista que passava, parou diante deles e perguntou.

- Estão dando alguma coisa?

- Não. Foi um lobisomem que atacou este indivíduo.

Um lobisomem! Este ser lendário que é descrito como um humano capaz de se transformar em lobo ou em algo semelhante a um lobo em noites de lua cheia. Depois de transformado, sai à noite procurando sangue, e matando ferozmente tudo que se move. Antes do amanhecer, dizem que ele procura a mesma encruzilhada para voltar a ser homem.

Encontrar-se com uma fera dessas não é um susto qualquer. É um evento que abala as bases da realidade da pessoa e desencadeia um nível de terror que transcende o medo cotidiano. É uma experiência para marcar a vida. São reações turbinadas por uma dose extra de incredulidade e terror primal que contagia a todos.

- Ora, deixe o homem falar! Conte o que aconteceu.

- Quando vi aquela coisa a frente, meu corpo congelou em choque. Não foi apenas medo que senti, mas um pavor profundo.

- Alguém traz um café ao homem.

Trouxeram-lhe a bebida quente. A xícara fumegava. E deram-lhe. Mas, com as mãos trêmulas, tenta levar à boca, e não consegue.

- Ele ainda está muito nervoso. Disse um.

- Vem! Senta aqui dentro e nos conta com calma.

Levaram ele para o interior da loja e sentaram ao redor para ouvir da história.

Deu um gole no café. Arrumou a garganta. Respirou fundo e disse:

- Assim que a paralisia do susto passou, corri desenfreadamente, sem pensar em direção. Apenas corria para afastar da criatura.

- Como era o animal?

- Não sei direito. Quando vi, estava se transformando de fera pra gente. Era algo muito assustador. Ele urrava de dor.

- Ele te viu. Perguntou um outro.

- Não... Acho que não. Não dei chance ao bicho. Quando botei o olho nele, virei e corri.

- Dizem que se a fera olha no olho de quem a vê, persegue o indivíduo até matar. Comentou um.

E os comentários iam se espalhando entre eles. Tinha gente que até receita para matar lobisomem dava.

Daí em diante, o pobre assustado perdeu a atenção. Agora, o que mais importava eram os comentários.

Uns diziam que o animal poderia andar pela cidade em busca de novas vítimas. Outros diziam que o homem havia lutado com a fera e conseguira escapar.

A cidade toda ficou traumatizada com o caso. As pessoas passaram a ter medo. Viam vultos em qualquer canto.

O medo é uma emoção complexa que desempenha um papel importante na vida humana, ajudando a proteger e a guiar as pessoas em situações de risco. Porém, o que estava ocorrendo com os moradores do local já passava de coisa comum. Este aparente receio de reagir a perigos e ao desconhecido, se tornava mais intenso. Já era um pânico social.

As reações à descoberta de um lobisomem na cidade foi, no mínimo, caóticas e variadas. Pois, eram movidas por uma mistura intensa de medo, superstição e, talvez, até uma pitada de curiosidade mórbida. Imagina só o burburinho!

As pessoas trancavam-se em casa. Não saíam nem para ir ao mercado. Tudo era feito por aplicativos e entregas por motoboys. O bairro inteiro estava assustado.

Até a imprensa andou investigando. O delegado foi pressionado para destacar policiais ao bairro. O pavor se generalizou.

Andaram fazendo entrevistas e colhiam informações sobre o caso. Quem soube do ocorrido dava sua opinião. Outros nem queriam tocar no assunto.

Os policiais andavam pelas esquinas dois a dois preocupados com um ataque surpresa.

Constantemente o telefone da delegacia tocava. Eram moradores, querendo saber se o lobisomem já fora pego.

No bairro, havia praças e terrenos baldios. Isso preocupava os moradores.

- Vai que o bicho se esconde por aí... Diziam eles.

O pânico foi contagiante durante a primeira semana.

No entanto, pela vida tudo passa! E conforme as semanas foram passando, o caso foi caindo no esquecimento.

Só que um "porém" existe aí. A lua cheia sempre volta no próximo mês.